



Fernando Henrique deixa o Congresso, depois da posse, observado ACM, Maciel e Temer: insistência do presidente em fazer uma solenidade simples e sem pompa acabou afastando políticos e populares, dando uma ar de tristeza à festa

A melancolia de Fernando Henrique

Ausências de parlamentares, governadores e presidentes estrangeiros deram ar de pessimismo às solenidades de posse

Mirian Guaraciaba
Da equipe do **Correio**

Véspera de muito, dia de muito pouco. Pode ser essa a única esperança do presidente Fernando Henrique Cardoso depois da fria, insossa e melancólica solenidade de posse, na tarde da última sexta-feira. A ausência maciça de políticos e de nomes de destaque nacional transformou o que deveria ser a festa da vitória em cerimônia séria e grave.

Um ar de pessimismo, quase derrota. Dos 513 deputados federais e 81 senadores no exercício do mandato — e mais cerca de 250 parlamentares eleitos a serem empossados em 1º de fevereiro —, menos de 50 estavam presentes. Somente a base de apoio do governo — cinco partidos — soma 387 deputados.

Dos 27 governadores eleitos, que também assumiram ontem, nem 10 deram-se ao trabalho de vir a Brasília. A falta dos políticos foi sentida pelo presidente. Cadei-

ras vazias no plenário da Câmara foram percebidas por Fernando Henrique e pelos ministros empossados ontem, assim que chegaram ao Congresso.

Prestígio político tem que ser demonstrado, tem ser público, disseram um ministro e um líder partidário. O quorum baixo foi repetido nas galerias normalmente ocupada em ocasiões especiais por convidados e populares. Lá estava, quase solitária, a família do presidente.

Quem está no governo lamentou a formalidade da posse. Embora tenha sido tratado como ato burocrático, a solenidade do dia 1º marcou o início de um novo mandato, raciocina um ministro próximo de Fernando Henrique. "Não serão apenas mais quatro anos, mas um período considerado crucial para o país."

Fernando Henrique foi reeleito, será o presidente do Brasil até 2002 e não pode abrir mão do apoio político, dentro e fora do Congresso. O presidente precisar contar com

os parlamentares para concluir votações importantes e começar outras, como a reforma tributária.

Cumprindo o dever cívico, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, deu posse ao presidente no Congresso Nacional. Assessores contam que Antonio Carlos ficou chocado com a ausência dos políticos. Mais ainda com o ar grave que Fernando Henrique exibiu durante a solenidade.

Quem conhece o senador, garante que foi o clima de quase tristeza que o levou a fazer de improviso um discurso vibrante, emocional. Em nome de um parlamento quase vazio, disse o senador ao presidente: "O povo lhe conferiu um novo mandato e nós, seus representantes, o ajudaremos. O Congresso não lhe faltou no primeiro mandato, nem faltará no que se inicia".

Assessores do presidente justificam a frieza do ato. O próprio Fernando Henrique quis dar esse tom

solene à posse. Sem grandes festas, sem muito alarde, sem comemorações para evitar a impressão de ganância em tempos de crise.

Por isso, as ausências. Sem banquetes, comes e bebes, os políticos não vieram. Mas a austeridade imposta por Fernando Henrique foi levada ao exagero e impediu que o início de seu segundo governo fosse sinônimo de esperança.

Um ministro lembra que foram dadas sugestões para fazer a festa com dinheiro dos partidos que apóiam o governo. Com a pompa que a ocasião merecia, as comemorações

não teriam dinheiro público e o presidente passaria ao país uma mensagem de otimismo, de crença, de alto astral. E não de pessimismo. Fernando Henrique não teve disposição para tanto.

Num momento em que o país precisa recuperar prestígio e capital externo, também não havia na posse nenhum presidente estrangeiro. Um almoço amanhã, no Pa-

lácio do Itamaraty, poderá quebrar esse clima. Perto de 100 autoridades e embaixadores — além de cinco presidentes vizinhos — confirmaram presença na homenagem a Fernando Henrique.

Outro contraponto deve acontecer na posse de deputados e senadores no dia 1º de fevereiro. No parlamento, ao contrário do Palácio do Planalto, a instalação de uma nova sessão legislativa não deverá ocorrer em clima de desânimo. Mas de expectativa.

No discurso sem novidades que fez na posse, o presidente lembrou da oposição: "Alegro-me de que o diálogo com a oposição já tenha começado". Referia-se ao ex-governador de Brasília, Cristovam Buarque, e ao presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

À noite, no jantar oferecido no Palácio da Alvorada, o presidente afastou-se um pouco mais dos políticos. Excluiu da lista de convidados alguns ministros e os governadores que vieram à posse.

E a melancolia acabou tomando conta da cidade. O tradicional Piantella estava quase vazio na noite de sexta-feira. Ao contrário de 1994, quando até o todo-poderoso Roberto Marinho e seu amigo Antonio Carlos Magalhães tiveram dificuldade de encontrar mesa.

O CONGRESSO NÃO LHE FALTOU NO PRIMEIRO MANDATO, NEM FALTARÁ NO QUE SE INICIA"

Antônio Carlos Magalhães,
presidente do Senado